



Kleber Lima/CB/19.7.05

Os lotes da 24ª RA foram planejados com 20 mil m². Um dos principais motivos para o tamanho era atrair deputados e convencê-los a se mudar com seus familiares para o Planalto Central

GUSTAVO MARCONDES
DA EQUIPE DO CORREIO

Formar um grande cinturão verde e proteger o clima de Brasília. Com esse objetivo foi criado, em 1959, o Setor de Mansões Park Way (SMPW), registrado oficialmente em 13 de março de 1961, sendo uma das últimas modificações do plano original de Lúcio Costa, precisamente a sétima, segundo especialistas em meio ambiente.

Essa função ambiental foi pensada como forma de blindar os mananciais que contribuem para o abastecimento do Lago Paranoá e com o equilíbrio climático do Plano Piloto. Hoje a vigésima quarta Região Administrativa do Distrito Federal é um dos pulmões do DF e sinônimo de qualidade de vida, tendo a quinta maior renda per capita entre as 28 RAs e uma concentração de árvores ainda invejável, apesar de o crescimento populacional já preocupar.

Exatamente para manter a enorme área

verde da região, os lotes do Park Way foram planejados com a área de 20 mil m² cada, no limite entre o rural e o urbano. O tamanho tinha também outro motivo: ser um atrativo para os parlamentares ainda reticentes em se mudar para o Planalto Central. Inicialmente essa divisão previu 1.186 habitações para uma população que deveria alcançar pouco mais de cinco mil pessoas. Mas a povoação do Park Way superou as expectativas. Segundo dados de 2004, a região abriga cerca de 20 mil moradores.

De acordo com a Administração Regional, esse número pode chegar a 40 mil habitantes. Isso por causa de decretos de 1993 e 1997, que permitiram o parcelamento do lote original de 20 mil m² em até oito partes, resultando na criação de condomínios no bairro. Já este ano calcula-se que 40% dos lotes do Park Way já estejam parcelados. Esse crescimento justificou a criação da 24ª RA, em janeiro de 2004.

Apesar de a implantação de áreas comerciais, de lazer, parques, centros edu-

cacionais e religiosos já estarem previstas no primeiro memorial de loteamento do Park Way há mais de 40 anos, o bairro sempre foi notório por seu caráter essencialmente residencial. Um dos desafios de região é criar todos esses espaços de suporte à vida cotidiana, com um crescimento ordenado e sustentável.

Para boa parte dos moradores, no entanto, esse crescimento ameaça seriamente o caráter ambiental da região. Grande parte do Park Way está inserido na Área de Proteção Ambiental das bacias do Gama e Cabeça de Veado (dois ribeirões que abastecem de água potável um terço do Lago Paranoá). Abriga também a Área de Relevante Interesse Ecológico (Arie) da Capetinga/Itaquara, de responsabilidade federal, e a zona nuclear da Reserva da Biosfera do Cerrado, uma das mais importantes do país.

Em 1999, os moradores do Park Way produziram um manifesto observando que a vazão de vários córregos da região, como o

Mato Seco e o Vicente Pires, já havia sido reduzido ao mínimo e que vários afloramentos dos mananciais tinha secado. Pediam o Park Way com baixa densidade ocupacional e pequenos centros comerciais.

Nem mesmo o terminal rodoviário previsto para a região é aprovado pela Associação Comunitária do Park Way. Apenas a parte do Park Way próxima ao Núcleo Bandeirante (da quadra 1 a 5) tem, desde o princípio, características mais urbanas, com desenvolvimento de comércio. Para os moradores, o restante, principalmente entre as quadras 14 e 29, onde ficam as principais áreas de proteção, deve ser mantido com o mínimo de interferência urbana possível.

No Núcleo Rural Vargem Bonita, zona ainda preservada, foram implantadas as primeiras colônias de japoneses do DF, ainda no início dos anos 60. Uma zona alagada e fértil, pioneira na produção hortifrutigranjeira, que abastecia as mesas dos primeiros moradores de Brasília.